

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

## FOLK-LORE PORTUGUEZ

—\*—

### Trovas alemtejanas

*Recolhidas no concelho d'Elvas*  
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado de pag. 56 vol X)

313

Ausente d'um bem que adoro  
Como poderei eu estar,  
De dia com sentimento  
De noite a imaginar.

314

Amores que se não vêem  
Senão de mezes a mezes,  
Esses são os mais queridos  
Que se vêem menos vezes.

315

Se eu soubera adivinhar  
Que tu eras meu amor,  
Levantava as mãos ao céu  
Dava graças ao Senhor.

316

Se eu soubera que já tinha  
N'esse teu peito um lugar,  
Eu fazia um protesto  
De p'ra outro não olhar.

317

O' olhos da preta amora  
Vão andando que eu já vou,  
Vão dando claridade,  
Que a lua já se acabou.

318

Rapariga, tola, tola,  
Eu não sou o teu amante,  
Nascestes em lua cheia  
E eu no quarto minguate.

319

Aldeia da Conceição

Rodeiada de *calitos*,  
Converso c'o meu amor  
Não me importa cá com ditos.

320

Minha avó, que feiteira,  
Eu bem na vi *avoar*  
Da porta para a rua  
E da rua p'r'ó quintal.

321

Com a penna da gaivota  
Escrevi a letra V;  
Já perdi a minha nota,  
Agora me ganhas tu.

322

Quem me a mim ouvir cantar  
Cuidará que estou contente,  
Eu canto por disfarçar  
Minha paixão tão ardente.

323

Dos pares que andam bailando  
Ali no meio do terreiro,  
Não se me dá de apostar:  
Nenhum d'elles tem dinheiro.

324

Adens, ó rapazes d'Elvas,  
Amigos da minha idade,  
Vou p'r'á Africa por tres annos  
Na flor da mocidade.

325

Eu hei de ir áquelle ceo,  
Romper por aquella nuvem,  
Pois boto os olhos ao ceo,  
Já que te lograr não pude.

326

Alfaiates, sapateiros,  
E' uma corja de ladrões,  
Alfaiates furtam linhas  
Sapateiros cordovões.

327

Alfaiates não são homens,  
Sapateiros também não,  
Quando chega o almocreve

Bate a terra, treme o chão.  
328

A mãe era pobresinha  
O pae pescador d'anzol  
E a filha ficava em casa  
Catando as pulgas ao sol.

329

Os bombeiros voluntarios  
São de muita utilidade,  
Trabalham não por intresse  
P'ra defender a cidade.

330

O officio de barbeiro  
Não o gabo eu a ninguém,  
O maldicto do officio!  
Nunca avezam um vintem!

331

Trago dentro do meu peito  
Botica e boticario  
Para dar ao meu amor  
Quando lhe fôr necessario.

332

O meu amor è ourives  
Mora na rua do Ouro,  
Inda não fallei com elle  
Já me deu um anel d'ouro.

333

A Senhora d'Ayres  
Ao pé de Vianna  
Tem o altar-mor  
Feito á romana.

334

Queria-te levar, meu bem,  
A veres a feira do gado  
Mas não darás lá contigo  
Por te apertar o calçado.

335

E's uma mulher horrenda  
Não quererás ouvir isto;  
Chucha lá n'essa borracha  
Offerece ás chagas de Christo.

336

O diabo leve os homens,  
Fora àquelle a quem quero bem  
Se algum dia me fôr falso  
Leve-o o diabo tambem.

337

Aquelle primeiro amor  
Que dentro d'alma se sente,

Eu não sei que effeito faz  
Que nos lembra eternamente.  
338

Salsa verde e letrêia  
São palavras em latim;  
Deus me dê no *cante* idéia  
Para te fallar assim.

339

Antonio, de Santo Antonio,  
Francisco, de S. Francisco,  
José, de Nossa Senhora,  
Manoel nome de Christo.

340

Sou caçador de cadeira  
Assentado mato caça,  
Trago o chumbo n'algibeira  
A polv'ra n'uma cabaça.

341

Olhe là, senhor José,  
Ouça o que lhe vou contar:  
Se eu tivesse quinze annos  
Não me havia de escapar.

342

O' senhor José Maria  
O seu nome é como o meu,  
Você è José Maria,  
Maria José sou eu.

343

Tenho um canivete dourado  
Ao canto do meu bahu  
Para dar ao meu amor,  
Queira Deus que sejas tu.

344

Oliveiras, oliveiras,  
Ao longe são olivaeas  
Por muito que tu me queiras  
Eu inda te quero mais.

345

Semeei no val' d'engano  
Os meus gostos ao futuro,  
Em me amar's ha tanto anno  
Inda me não tens seguro.

346

Aquelles dias que eu passo  
Sem te ver, q'rid'amante,  
Ando tão agoniada  
Que não socego um instante.

347

Tu ausente e eu ausente,

Ambos e dois separados,  
D'estes dois corações  
Qual será mais desgraçado.

348

Eu não sei que faço em qu'rer-te,  
Em ser firme, em adorar-te,  
Estar sujeito a teus preceitos  
Vir outro amor, e lograr-te.

349

O meu amor me pediu  
Que por elle não chorasse,  
Que lhe não dêsse mais penas,  
Que o não mortificasse.

350

Ai, meu amor, meu amor,  
Já não posso viver mais,  
'Stão-me consumindo os dias  
Os meus repetidos áis.

351

Quatro flores em meu peito  
Todas quatro desmaiadas  
Cravo roxo, amor perfeito,  
Rosa branca e encarnada.

352

Da palmeira nasce a palma  
Da palma nasce a *felor*  
Da *felor* nasceu a Virgem  
E da Virgem o Redemptor.

353

Onde se conhecem amigos  
No centro d'uma prisão,  
Foi 'ma onça de tabaco  
E um aperto de mão.

354

Se estás mal do coração  
Eu te ensino a medicina,  
Sal e alho e pimentão  
Água forte e trementina.

355

Abençoada laranjeira,  
Tanta laranja deitou;  
Eu é que fui a primeira  
Que o teu coração logrou.

356

Maria, Antonia, Cath'rina,  
Francisca, Zabel e Anna,  
Thereza, Julia, Joaquina,  
Rita, Rosaria, Joanna.

357

No largo dos *Tereceiros*  
Lá 'stá uma cabaceira;  
Mal empregada menina  
Ter tão pouca mioleira.

358

O' meu amigo Lambuza  
E's muito da minha graça,  
No largo dos *Tereceiros*  
Já levaste uma cabaça.

359

Já não tenho quem me lave  
Nem quem me deite um remendo,  
Para que quero eu amores  
Se eu casar não pretendo.

360

O ingrato do amor  
Passa por mim, não me falla,  
Pensa que me faz vingança,  
Eu com isto me regalo!

361

Donde vae, senhor *Lixandre*  
Donde vae tambem vou eu,  
Vou buscar a minha rosa  
Ao jardim que já foi meu.

362

Donde vae, senhor *Lixandre*  
Donde vae tambem eu vou,  
Vou buscar a minha rosa  
Que no jardim me ficou.

363

Donde vae, senhor *Lixandre*,  
Donde vae p'r'á Calçadinha,  
Vou buscar a minha rosa,  
Minha amora madurinha.

364

Appar'ceu no meu quintal  
Uma flor de muito gosto,  
Mas tem só um defeito  
Que é abrir ao sol posto.

365

Que rouxinol tão bonito  
Que tem a minha amada,  
Tanto canta ó 'noitecer,  
Como canta á madrugada.

366

O meu amor é boieiro,  
E' boieiro e guarda bois,  
Mora nos Reboleiros  
Ha de cá vir ó *depois*.

367

Senhor Padre eu pequei,  
Eu lhe direi o peccado.  
Eu comi á sexta-feira  
Um franganito assado.

368

O povo de Barbacena  
E' um povo muito honrado,  
Quando fôr á nossa terra  
Hade ser muito estimado.

369

Camponezas, camponezas,  
Eu sou de Campo Maior,  
Rendeste-me uma fineza  
Eu rendo-te outra maior.

370

Chapeu de meia moeda  
Ninguem o tem senão eu,  
Aqui n'esta funcção anda  
O alarve que m'o deu.

371

Inda agora d'aqui fui  
Aqui me tens outra vez,  
Venho a dar a resposta  
Do açano que me fez.

372

Adeus homem, 'stá cá ella,  
Minha bocca de maquia  
Foi-se namorar a gaja  
Ao meio da ganharia.

373

A fama dos cantadores  
Quando chegam a um baile,  
Perguntar aos seus amores  
Se passaram bem ou mal.

374

Adeus, que me vou embora,  
Adeus, que me quero ir,  
Deita cá esses teus olhos  
Que me quero despedir.

375

Solteirinha engraçada  
Lindas faces côr de rosa,  
Enganando por esp'rança,  
Trigueirinha mais formosa.

376

Levantei-me um dia cedo  
Para ouvir cantar a pêga,  
Uma voz ouvi dizer

Aqui morreu a gallega.

377

Encostei-me a esses teus braços  
Oh que encosto tão galante,  
Fiquei presa nos teus laços  
Na cadeia dos amantes.

378

Vae-se o dia vem a noite,  
Vae-se a noite o dia vem,  
Estou gostosa de mim mesmo,  
Não quero bem a ninguem.

379

No principio do meu mundo,  
Na infancia da idade,  
M'ensinaram a mentir,  
Nunca mais fallei verdade.

380

Teus olhos de matar,  
Sobrancelhas de ferir,  
Tens a cor demudada,  
Isso é de não dormir.

381

Quando passas pela rua  
Os meus olhos em ti vão,  
Quando olhas com ternura  
Chòro sem consolação.

(Continúa.)

---

### Quadras Populares

---

Meninas não façam caso  
Da cantiga ser errada:  
Tambem um bom caçador  
Atira... e não mata nada!

A murtinheira é um vidro,  
Ao fechar na mão se quebra;  
Assim é você comigo  
Cuida que o vento me leva.

Se o amor quer ser rogado,  
Eu nunca roguei ninguem;  
Arrengo do amor  
Que á força de rogos vem.

